

Imbricações entre literatura, história e feminismo: uma proposta de leitura para romances africanos de autoria feminina na contemporaneidade

Stela Saes*

Resumo

A partir de uma abordagem imbricada entre crítica literária, história e teorias feministas, é possível realizar uma leitura comprometida de obras literárias oriundas do continente africano, especialmente aquelas produzidas por mulheres na contemporaneidade. Ademais, a relação dialética proposta como metodologia permite analisar de que forma uma crítica literária comprometida com a totalidade pode contribuir com as formulações analíticas da literatura de autoria feminina no continente africano. Ainda, é necessário perceber quais são as reais condições de produção literária no tocante às escritoras, enquanto estão, justamente, nas trincheiras do sistema capitalista vigente. Então, é pelo viés imbricado entre literatura, história e feminismos, que o exercício de análise literária vai incidir sobre o modo como essas mulheres, no exercício da ficção e na construção de personagens, em suas trajetórias, no interior das narrativas, se expressam, se opõem e denunciam as condições materiais vividas. Dessa forma, apresenta-se uma proposta de leitura imbricada dos romances *O alegre canto da perdiz*, de Paulina Chiziane, *Everything good will come*, de Sefi Atta, e *Do not go gentle*, de Futhi Ntshingila, partindo sempre do texto literário para que o social, o histórico e as ideologias feministas se revelem na tessitura das próprias obras.

Palavras-chave: literaturas africanas; literatura comparada; feminismo; história; autoria feminina.

* Professora de Ensino Médio e Técnico do Centro Estadual de Educação Tecnológica do Centro Paula Souza, estado de São Paulo. Doutora (2022) e Mestra (2016) em Letras na área de estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Este texto apresenta algumas ideias e formulações apresentadas na tese de doutorado, defendida pela autora, em fevereiro de 2022, e que pode ser lida integralmente em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-05082022-190827/pt-br.php>.

Imbrications among literature, history, and feminism: a reading proposal for contemporary feminine authorship African novels

Abstract

From an imbricated approach between literary criticism, history and feminist theories, it is possible to perform a committed reading of literary works from the African continent, especially those produced by the women in contemporary times. Moreover, the dialectical relationship allows to analyze how a literary criticism committed to all aspects can contribute to the analytical formulations of female authorship literature on the African continent. Even more, it is necessary to understand the real conditions of literary production regarding to the writers, while they are precisely in the trenches of the current capitalist system. So, it is by the imbricated bias between literature, history and feminisms, that the exercise of literary analysis will focus on how these women, in the exercise of fiction and the construction of characters in their trajectories within the narratives, express themselves, oppose themselves and denounce the material conditions under which they live. Thus, there is a proposal for the imbricated reading of the novels *O alegre canto da perdiz*, by Paulina Chiziane, *Everything good will come* by Sefi Atta, and *Do not go gentle*, by Futhi Ntshingila, always starting from the literary text so that the social, historical and feminist ideologies reveal themselves in the texture of their own works.

Keywords: african literatures; comparative literature; feminism; history; feminine authorship.

1 Literatura: escritoras, obras e crítica literária

[...] uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção.

(WOOLF, 2014, p. 12).

A princípio, é necessário conceituar a literatura como uma construção social constituída a partir de uma dada circunstância: aquela que se organiza na confluência entre vida material e a subjetividade de sujeitos. Sob esse viés, ela é compreendida como força de expressão intermediada por uma linguagem mobilizada em que se representa o movimento do texto. Dessa forma, torna-se possível observar o texto literário a partir de determinado contexto social, histórico, político, econômico e cultural que está relacionado à sua produção e recepção.

Por isso, para o trabalho proposto, é imperativo analisar a figura das escritoras como agentes sociais. Retomando, para isso, Virgínia Woolf, em seu ensaio *Um teto todo seu*, quando a autora especifica de que forma a realidade material incide sobre mulheres que decidem assumir a carreira em pleno século XIX. Mesmo que algumas dificuldades já tenham sido superadas desde então, ainda é notório o quanto autoras sofrem resistência de editoras, público e devem assumir, muitas vezes, duplas ou triplas jornadas de trabalho para se sustentarem nessa profissão, estando, por tais motivos, aquém do mesmo sucesso de escritores na contemporaneidade.

Somado a isso, outro fator que gera dificuldade para mulheres é a questão racial, já que o preconceito escamoteia escritoras negras para a periferia da produção de ficção em todo o mundo. Esse fator fica evidente quando observamos os versos de Conceição Evaristo em seu poema “Inquisição”: “Enquanto a inquisição / interroga / a minha existência, / e nega o negrume / do meu corpo-letra, / na semântica / da minha escrita, / prossigo.” (EVARISTO, 2017, p. 105). Contemporaneamente, a escritora confirma as premissas de Woolf e vai além, exprimindo a constante perseguição ao corpo negro e a resistência que parece ser constantemente provada pela escrita desses sujeitos no campo literário.

Diante de tais pressupostos e expressões, o conceito do intelectual orgânico, promovido por Antonio Gramsci, pode ser assimilado para o

estudo de escritoras negras, visto que: “[...] para Gramsci, a organicidade dos novos intelectuais está relacionada principalmente à sua profunda vinculação à cultura, à história e à política das classes subalternas que se organizam para construir uma nova civilização.” (SEMERARO, 2006, p. 376-378).

Dessa forma, como é indissociável a relação entre a autoria e o contexto de produção da obra literária, as escritoras negras oriundas do continente africano estão nas trincheiras do sistema político-econômico vigente e, por isso, essa vinculação é necessária não apenas para uma leitura atenta de seus textos, mas para construir a forma como se organizam socialmente no enfrentamento das condições materiais impostas às mulheres. Nesse sentido, intelectuais orgânicas são aquelas ligadas às suas classes sociais de origem, às demandas e inquietações provocadas por elas e se comprometem a denunciar práticas de exploração e dominação com o intuito também de entendê-las e superá-las. Essa definição é assumida no trabalho de crítica literária desempenhado na proposta de leitura de autoras contemporâneas do continente africano e permeará a análise de suas obras.

Para realizar esse trabalho, entretanto, o papel da crítica literária deve se propor, assim como propõe Beatriz Sarlo, a uma leitura “desrespeitosa” da obra. Em seu texto *Modernidade periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*, já na introdução, é exposto:

Leitores exemplares sabiam que na literatura, como na arte ou no traçado urbano, podem-se descobrir as pistas e também os prognósticos das transformações sociais. Sabiam também que, assim como a literatura fala de tudo, textos não propriamente literários recorrem aos procedimentos artísticos para dar forma às suas figuras, às suas histórias, a seus julgamentos sobre o presente ou seus projetos de futuro. (SARLO, 2010, p. 22).

Assim, é preciso, como leitores e críticos, encarar a obra literária como uma construção social, que apresenta, em diversas medidas, traços e lembranças de determinada cultura e tempo histórico. Uma leitura “desrespeitosa” do texto é aquela que se propõe a atribuir aproximações e distanciamentos entre texto e contexto de forma comprometida com as próprias tramas da história narrada. Ou seja, espera-se ler uma obra não a

partir de paradigmas ou conceitos previamente estabelecidos, mas sim do que aquele discurso literário pode oferecer como prática de leitura.

Diante disso, é relevante trazer também o papel da crítica literária que se propõe a uma relação dialética com a história. Para isso, Antonio Candido apresenta sua definição da relação entre literatura e sociedade que foge à dicotomia sociologia da literatura e análise puramente estética:

[...] Quando fazemos uma análise deste tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social [...] como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo. Neste caso, saímos dos aspectos periféricos da sociologia ou da história sociologicamente orientada, para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte. Quando isto se dá, ocorre o paradoxo assinalado inicialmente: o externo se torna interno e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica. (CANDIDO, 1965, p. 7).

Entendendo a literatura como manifestação estética e artística, o método da crítica literária marxista tem como objetivo sensibilizar para formas, estilos e significados como produtos de determinado contexto histórico-social. Uma leitura atenta por esse viés traz reflexões inerentes e externas à obra em uma relação sempre dialética, isto é, que compreende a totalidade como contexto social de produção para autoria e recepção do texto.

Tendo em vista esse escopo teórico sobre a literatura em torno da autoria, da obra e do papel da crítica literária, é basilar também transitar pela imbricação dos termos com a história, que será fundamental na construção do percurso de leitura para as autoras propostas.

2 História: articulação, discursos e perspectivas

A articulação entre literatura e história sempre foi um ponto de discussão entre teóricos de ambas as áreas ao longo dos anos. Mediante isso, elaborar o exercício da ficção como uma forma da linguagem e consciência é não negligenciar o entendimento do fator histórico como central para a concepção dialética. Para a concepção de Marx, quem faz a história é a

coletividade humana em movimento, exatamente no interior das condições históricas produzidas e reproduzidas por todos nós. Nesse sentido, a atualidade do pensamento de Marx — e de Engels — é relevante para o entendimento da história como ciência:

A imensa força de Marx sempre residiu em sua insistência tanto na existência da estrutura social quanto na sua historicidade, ou, em outras palavras, em sua dinâmica interna de mudança. Hoje, quando a existência de sistemas sociais é geralmente aceita, mas à custa de sua análise a-histórica, quando não anti-histórica, a ênfase de Marx na história como dimensão necessária talvez seja mais essencial do que nunca. (HOBBSAWM, 2013, p. 210).

Para os pensadores, portanto, a história é um chão em que é possível se locomover, como sujeitos, concretamente na materialidade da vida: “Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram.” (MARX, 2011, p. 25). Essa célebre citação fortalece a tese do não determinismo histórico e de que é necessário ter consciência sobre o percurso histórico para que seja possível conduzir, sobre ele, um ato revolucionário.

Após uma breve incursão sobre o conceito de história pela perspectiva material marxista, revelam-se dois sentidos: o macro e microestrutural da história. Sendo que o primeiro é considerado como o discurso oficial, como conjunto de linguagem simbólica, ao qual a ciência se dedica; já o segundo pode ser entendido como o sentido que perpassa a trajetória dos indivíduos em sua vida material, concreta, como um microcosmos. Nesse sentido, a articulação da história com a literatura ganha com as duas perspectivas, já que é possível considerar não apenas os meios e modos de produção de cada obra literária, mas também fornece sentido à trajetória dos próprios personagens na trama romanesca.

Outrossim, quando se estudam textos oriundos do continente africano, vale retomar os dizeres de Chimamanda Ngozi Adichie, em sua palestra “O perigo da história única”, proferida durante um evento do Ted Talks, em 2009, e que depois tornou-se livro: “É assim, pois, que se cria uma única história: mostre um povo como uma coisa, como somente uma

coisa, repetidamente, e será o que eles se tornarão. É impossível falar sobre única história sem falar sobre poder.” (ADICHIE, 2009). Os paradigmas e estereótipos construídos sobre África ao longo dos anos tem um claro intuito de estigmatizar e explicar uma teoria baseada na oposição entre subdesenvolvimento e desenvolvimento, que é elaborada por Walter Rodney em *Como a Europa subdesenvolveu a África*, publicado em 1972 e reeditado em 2022, no Brasil.

Em seu texto, Rodney anuncia como o colonialismo foi um sistema de exploração com o objetivo de promover lucros às metrópoles, o que representava, para o continente africano, a mão de obra extremamente barata ou escravocrata e a expatriação de recursos. O desenvolvimento da Europa, portanto, é parte do mesmo processo dialético que colocava a África como subdesenvolvida. (RODNEY, 2022). Dessa forma, as questões históricas do continente africano, relacionadas ao racismo, colonialismo e patriarcado, que se revelam na contemporaneidade, não estão descoladas de um processo predatório edificado pela colonização europeia.

Assim, relacionar e articular história e literatura quando nos deparamos com romances escritos por mulheres do continente africano é também refletir sobre condições, contradições e embates das autoras (e de suas criações literárias, como as protagonistas), de forma dialética e consciente. Levando ainda em consideração que a contemporaneidade das obras prevê um período que contempla os frutos de lutas anticoloniais em diversos países e é também quando o capitalismo intensifica seu processo de globalização, trazendo novas formas de exploração e dominação dos centros para as periferias do sistema.

3 Feminismo: proposições, metodologias e críticas

O caráter do feminismo pela perspectiva materialista trabalha com o conceito de patriarcado em primeiro plano, que pode ser definido como um tipo hierárquico de relação que permeia todos os aspectos da sociedade, tem base material, é corporificado e representa uma estrutura de poder baseada na ideologia e na violência, sendo, assim, um regime

de “dominação-exploração”. (SAFFIOTI, 2015). Desse modo, não há naturalização da opressão das mulheres sob nenhuma perspectiva.

A partir dessa categorização, para a elaboração de uma crítica literária feminista marxista (ou socialista/materialista), emprega o materialismo histórico como método para as mais diferentes análises e diante das diferentes opressões vividas pelas mulheres. É preciso, inclusive, que o feminismo entre em diálogo com o próprio marxismo, para que este também capture as questões de gênero em suas análises de conjuntura.

Desde as contribuições de Rosa Luxemburgo, Clara Zetkin, Alexandra Kollontai e Simone de Beauvoir, para citar algumas teóricas materialistas ao longo do século XIX e XX que se debruçaram sobre as questões das mulheres, até pensadoras como Angela Davis, cujo ideal é que a libertação das mulheres deve acontecer pela socialização dos meios de produção (DAVIS, 2016), passando também pela importância da brasileira Lélia Gonzales, que ressignificou a discriminação ao desvelar que o racismo era apropriado pela sociedade capitalista para servir, também, a interesses de gênero e de classe. (GONZALEZ, 2020). Em especial sobre estas últimas, as linhas de pensamento apresentam uma categoria de análise imbricada entre classe, raça e gênero, bem como também é possível compreender os conceitos de “nó”, “imbricação”, “interseccionalidade” e “consustancialidade” presentes nas bases teóricas de Heleieth Saffioti, Patricia Hill Collins, bell hooks e Audre Lorde.

As contribuições de todas essas feministas são basilares para a compreensão do papel da mulher negra em uma sociedade de classes, o que se torna essencial diante de uma proposta de análise romanesca que leva em consideração a autoria de mulheres negras do continente africano e as relações postas nas personagens protagonistas criadas por elas em seus textos ficcionais. É necessário, também, trazer à tona um pouco do feminismo desenvolvido no continente africano que dialoga com a perspectiva materialista e de imbricação de categorias de análise. Para isso, alguns nomes, como Chimamanda Ngozi Adichie, Ifi Amadiume, Bibi Bakare-Yusuf e Minna Salami, são essenciais para entender alguns processos de dominação-opressão específicos de cada sociedade e cultura em determinado momento histórico.

De qualquer forma, entretanto, é a luta anticapitalista o eixo central na subversão das estratégias de subordinação das mulheres na sociedade contemporânea, afinal:

O capitalismo certamente não inventou a subordinação das mulheres. Esta existiu sob diversas formas em todas as sociedades de classe anteriores. O capitalismo, porém, estabeleceu outros modelos, notadamente “modernos”, de sexismo, sustentados pelas novas estruturas institucionais. Seu movimento fundamental foi separar a produção de pessoas da obtenção de lucro, atribuir o primeiro trabalho às mulheres e subordiná-lo ao segundo. Com esse golpe, o capitalismo reinventou a opressão das mulheres e, ao mesmo tempo, virou o mundo de cabeça pra baixo. (FRASER; JAEGGI, 2020, p. 51).

Sendo este — o capitalismo — o modelo em vigor na atualidade em todo o mundo, a luta das mulheres enfrenta, cotidiana e simultaneamente, o racismo, a xenofobia, o colonialismo, a homofobia, entre outras formas de discriminação e opressão. No entanto, as lutas perpetradas desvelam esses sentidos todos e apresentam, em alguma medida, formas de superar esse sistema vigente. Desse modo, é possível encarar o feminismo, como teoria e prática, como as manifestações sociais, protagonizadas pelas mulheres, contra as estruturas sociais que as oprimem cotidianamente. De acordo com esse viés, o diálogo entre autoras e personagens analisadas na proposta de leitura literária prevê a dimensão específica de mulheres dentro do continente africano, mas em convergência com a percepção globalizada dos mesmos fenômenos.

4 Uma proposta de leitura: romances africanos de autoria feminina na contemporaneidade

A partir desse percurso teórico imbricado entre Literatura, História e Feminismo, apresenta-se uma proposta de leitura para autoras e suas respectivas obras romanescas publicadas no continente africano. Esse método pode ser expandido para análises comparativas e específicas

de diferentes gêneros em prosa. No entanto, para este momento,¹ serão explicitadas as seguintes escritoras: a moçambicana Paulina Chiziane e seu livro *O alegre canto da perdiz* (2008), a sul-africana Futhi Ntshingila, autora de *Do not go gentle* (2014) e a nigeriana Sefi Atta e o romance *Everything good will come* (2005). A escolha por tais obras se deve ao fato de se aproximarem em questão temporal (todas publicadas após os anos 2000) e por serem traduzidas no Brasil, o que facilita a divulgação de seus textos e até o uso em uma sala de aula da educação básica.

Para a realização da abordagem metodológica, foi feito um constante exercício de aproximação e distanciamento e de relação entre texto e contexto também no diálogo entre as obras analisadas. Evidentemente, é por meio da primazia do processo de leitura literária que a análise oferece as bases para interpretações relacionadas às teorias históricas, sociais e feministas. Então, de acordo com esses princípios, a experiências das autoras e as trajetórias das personagens, em cada um dos romances, são constantemente apresentadas em oposição a uma ordem social histórica, capitalista e patriarcal, imposta sobre elas, à qual se opõem e pretendem denunciar, para um sentido final, que é o de transformação da realidade em que vivem.

Para exemplificar o diálogo entre os textos, é apresentado, a seguir, um trecho de cada obra:

Quem somos nós, mulheres negras, neste regime sem esperança? O fim da mãe negra é ficar encostada ao umbral da porta num choro eterno, perante a indiferença do mundo, colocando flores em túmulos imaginários dos filhos que perdemos. (CHIZIANE, 2008, p. 102).

Dizem que eu era estourada aos 20 anos. Não me lembro disso. Só me lembro de que gostava de expressar minhas opiniões. No meu país, quanto mais as mulheres desistem de protestar, mais são apreciadas. No final, morrem passando apenas a abnegação às filhas, um legado alarmante, como lágrimas rolando por uma garganta seca. (ATTA, 2013, p. 195).

Um genocídio de meninas e mulheres iniciou-se com o estupro que homens desesperados perpetravam. As garotas eram estupradas por toda parte. Antes de Mvelo chegar em casa, aprendeu formas de se proteger, removendo o ponto

1 Neste momento, serão analisadas as obras de maneira geral; para uma leitura mais específica, consultar a tese que dá origem a este texto, já mencionada anteriormente.

Enquanto, no primeiro trecho, Paulina Chiziane traz uma narradora consciente do papel social da mulher negra em uma sociedade hierarquizada pelo colonialismo/capitalismo vigente, no segundo fragmento, Sefi Atta apresenta uma personagem indignada com os padrões morais impostos às mulheres em sua esfera social, que silenciam suas vozes e posturas. Já no último excerto, Futhi Ntshingila denuncia uma violência explícita contra meninas e mulheres e formas de se proteger e resistir em meio a práticas que anulam as suas existências.

Ao longo dos romances, são diversos os temas que aproximam as protagonistas de experiências de opressão e dominação contra as mulheres, e, assim, Maria das Dores, Enitan e Mvelo experenciam e denunciam tais práticas, como a maternidade compulsória, a dificuldade de acesso e permanência à educação formal, as diversas formas de violência doméstica e sexual, as diferentes dinâmicas do casamento e família, as relações de poligamia e monogamia e a própria conexão entre mães e filhas que permeia todos os enredos.

Dessa maneira, a escrita literária de Paulina Chiziane, Sefi Atta e Futhi Ntshingila evidencia quais são as reais condições de produção literária no tocante às escritoras, já que todos os textos também apresentam marcas de contextos históricos que pretendem emudecer as vozes e experiências das mulheres. No entanto, o próprio processo de escrita é, por sua vez, uma forma de romper com tais expectativas e denunciar essas formas de opressão. Ser lida para além do continente africano é também libertador para essas vozes, que podem encontrar ecos em outras partes do mundo.

Portanto, uma proposta de leitura comparativa entre os romances e alinhada às perspectivas materiais de produção e recepção constitui-se como força de expressão, revelando o movimento do texto e tornando possível observar as contradições que se manifestam no campo histórico e que delimitam as opressões vividas pelas mulheres. Uma leitura significativa desses textos pode proporcionar, dessa forma, diálogos com a realidade material vivida por mulheres e formas de enfrentar e superar esses mecanismos na sociedade em que vivemos.

5 Considerações finais

Com a leitura dos romances, é visível que todas as protagonistas se contrapõem, de diferentes formas, a uma realidade que opera sobre elas, no entanto, há também semelhanças entre elas, não apenas nas questões de gênero e raça, mas também na conformidade do patriarcado, que se evidencia como inerente ao sistema capitalista globalizado e neoliberal.

Ademais, é evidente que as mulheres negras, tanto personagens dos romances como autoras de ficção em seus papéis sociais, são direcionadas para difíceis enfrentamentos cotidianos. Porém, como agentes de transformação social, remetem à afirmativa de Angela Davis de que é essencial que a libertação das mulheres aconteça pela socialização dos meios de produção. (DAVIS, 2016). Tal premissa é essencial para a compreensão da mulher negra como sujeito de sua própria trajetória.

Para além das análises comparativas e imbricadas entre os romances, é posta a necessidade de viabilizar, elucidar e contribuir com os estudos sobre romances escritos por mulheres no continente africano. Este trabalho tem como intuito primeiro oferecer caminhos para a leitura comprometida de romances oriundos do continente africano e sustentar um método de análise que permita compreender as relações entre texto e contexto de maneira sempre dialética, histórica e vinculada a uma perspectiva de denúncia e libertação de e para mulheres.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *The danger of a single story*. 2009. Disponível em: http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br. Acesso em: 22 jun. 2020.

ATTA, Sefi. *Everything good will come*. Oxford: Myriad Editions, 2019.

ATTA, Sefi. *Tudo de bom vai acontecer*. Rio de Janeiro-São Paulo: Editora Record, 2013.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2019. v. 1 e 2.

CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1990.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019.

CHIZIANE, Paulina. *O alegre canto da perdiz*. Lisboa: Editorial Caminho, 2008.

DAVIS, Angela. *A liberdade é uma luta constante*. São Paulo: Boitempo, 2018.

DAVIS, Angela. *Mulheres, cultura e política*. São Paulo: Boitempo, 2017.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

EAGLETON, Terry. *Marxismo e crítica literária*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. São Paulo: Boitempo, 2019.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2017.

FRASER, Nancy; JAEGGI, Rahel. *Capitalismo em debate: uma conversa na teoria crítica*. São Paulo: Boitempo, 2020.

FRASER, Nancy. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. *Mediações*, Londrina, v. 14, n. 2, p. 11-33, jul./dez. 2009.

GONZALEZ, Lélia. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos*. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. v. I.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. v. II.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. v. III.

HOBBSAWAM, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

LUKÁCS, György. *Marx e Engels como historiadores da literatura*. São Paulo: Boitempo, 2016.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Livro 1: O processo de produção capitalista. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

NTSHINGILA, Futhi. *Do not go gentle*. Cape Town: Modjaji Books, 2014.

NTSHINGILA, Futhi. *Sem gentileza*. São Paulo; Porto Alegre: Dublinense, 2016.

RODNEY, Walter. *Como a Europa subdesenvolveu a África*. São Paulo: Boitempo, 2022.

SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2015.

SAES, Stela. *Trajetórias de mulheres em romances contemporâneos: imbricações entre literatura, história e feminismo nas obras de Paulina Chiziane, Sefi Atta e Futhi Ntshingila*. 2002. 237 f. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

SARLO, Beatriz. *Modernidade periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SEMERARO, Giovanni. Intelectuais “orgânicos” em tempos de pós-modernidade. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 26, n. 70, p. 373-391, set./dez. 2006.

TELO, Florita Cuhanga António. O pensamento feminista africano e a Carta dos princípios feministas para as feministas africanas. In: 13th WOMENS WORLDS CONGRESS & SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11, 2018, Florianópolis. *Anais do XI Seminário Internacional Fazendo Gênero*. Florianópolis: UFSC, 2017. p. 1-12

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014.